

A proximidade ao tema – uma região que é propriedade antiga de família – transformou a representação de árvores, normalmente associadas ao tema da paisagem, numa pintura que se desejou próxima da prática do retrato.

São apresentadas árvores (geralmente de fruto) cuidadas, agora, pela pintura.

Estas imagens nascem no decurso de um passeio e sob a forma luminosa das fotografias que hoje vemos em ecrãs planos (preservando uma certa resplandecência que facilmente se perde nos papéis, em impressões fotográficas). O trabalho da pintura surge desta coleção de imagens luminosas - que se fizeram deambulando, pesquisando formas e cores – nascendo, também, da necessidade de revisitatar aqueles lugares e aquelas árvores retratadas na vivacidade da sua frontalidade.

Olhando estas imagens luminosas, também a prática da pintura foi revisitada, continuamente, na sua forma nascente, enquanto estudo e ensaio (uma outra forma de passeio). Estas pinturas, feitas sobre papel (potenciando assim um carácter experimental), preservam algo do seu *acontecimento* enquanto pintura, visível nos diferentes modos de pintar que se testam, nas diferentes espessuras de tinta, na diversidade dos gestos (e em tudo o que de diferente cada imagem exige – para *ser pintura* e não uma reprodução de uma imagem).

Trata-se, em ambas as perspetivas – pintando *árvores* e procurando *a pintura* (ou seja, procurando apresentar o ser vivo e a vivacidade da representação) – da tentativa da prática de um cuidado que visa a vivência de um contacto frontal com uma **presença**.

